Leonce e Lena

(uma comédia)

George Büchner

Personagens:

REI PETER, do Reino Popo
PRÍNCIPE LEONCE, seu filho, noivo da
PRINCESA LENA, do Reino Pipi
VALÉRIO
A GOVERNANTA
O MORDOMO-MOR
O MESTRE DE CERIMÔNIAS
O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ESTADO
O PREDICADOR DA CÔRTE
O CONSELHEIRO PROVINCIAL
O MESTRE ESCOLA
ROSETTA
DOIS FUNCIONÁRIOS DA POLICIA
Criados. Conselheiros de listado. Camponeses.

ATO I

"Oh, fosse eu bufão!
Meu orgulho está num casaco colorido".
Como gostais

Primeira Cena

Um jardim

(Leonce (meio estirado sobre um banco). O Mordomo-mor.)

LEONCE

— Que desejais de mim, meu Senhor? Preparar-me para minha profissão? Estou com as mãos cheias de serviço, não sei como terminar tanto trabalho. Vede, primeiramente tenho de cuspir sobre esta pedra, trezentas e sessenta e cinco vezes em seguida. Já provasteis fazê-lo? Fazei-o. Consiste num entretenimento bem peculiar. E depois... Estais vendo esta mão cheia de arcia? *(Toma areia, joga-a para o alto e depois apara-a com as costas da mão.)* E agora lanço-a no ar. Quereis apostar? Quantos grãozinhos tenho agora nas costas da mão? Número par, ou ímpar? Como? Não quereis apostar? Sois pagão? Acreditais em Deus? Normalmente aposto comigo mesmo. Sou capaz de passar dias fazendo isso. Se encontrásseis alguém que às vezes se dispusesse a apostar comigo, eu vos ficaria muito grato. Depois... Tenho de pensar em como seria possível olhar para minha própria cabeça. Oh, se alguém puder um dia olhar sua própria cabeça! Este é um dos meus ideais. Eu ficaria feliz. E depois... E depois ainda há muita coisa semelhante. Sou ocioso? Não tenho ocupação agora? Sim, é triste...

MORDOMO-MOR

— Muito triste, Alteza.

LEONCE

— As nuvens passando de oeste para leste, há três semanas já...Isso me deixa profundamente melancólico.

MORDOMO-MOR

— Melancolia bem fundamentada.

LEONCE

— Homem, por que não me contradizeis? Tendes negócios urgentes para tratar, não é mesmo? Sinto ter-vos detido tanto tempo. *(O Mordomo-mor afasta-se com uma profunda vénia.)* Meu Senhor, congratulo-vos pelos belos parênteses formados por vossas pernas, quando vos curvais.

LEONCE *(Só, estica-se sobre o banco.)*

— Como as abelhas estão preguiçosas sobre as flores e os raios do sol indolentes sobre o chão! Grassa uma ociosidade medonha. A ociosidade é o início de todos os males. O que as pessoas fazem por causa do tédio! Estudam pelo tédio rezam pelo tédio, apaixonam-se, casam-se, multiplicam-se pelo tédio e finalmente morrem de tédio e — aí está a graça — tudo isso com os rostos mais compenetrados, sem saber porquê e pensando que Deus sabe. Todos esses heróis, esses génios, esses tolos, esses santos, esses pecadores, esses pais de família, no fundo nada mais são do que refinados ociosos. Por que logo eu teria de saber isso? Por que não posso tornar-me importante diante de mim mesmo, vestindo um fraque no pobre boneco, colocando-lhe um guarda-chuva no braço, para que ele se torne muito direito, muito útil, muito moralista? Por que logo eu teria de saber disso? Sou um miserável gozador. Por que não sou capaz de apresentar minha pilhéria com uma cara séria? Esse homem que há pouco estava diante de mim: eu o invejo, eu gostaria de surrá-lo de inveja. Oh, se alguém alguma vez pudesse ser outro! Só um minuto. *(Valério, algo bêbedo, entra.)* Como corre o homem! Se eu ainda soubesse de alguma coisa sob o sol que pudesse fazer-me correr!

VALÉRIO

— *(Posta-se bem perto do Príncipe, põe um dedo no nariz e olha-o fixamente.)* — É

LEONCE *(Do mesmo modo.)*

— Certo!

VALÉRIO

— Me haveis compreendido?

LEONCE

— Inteiramente.

VALÉRIO

— Então, falemos de outra coisa, agora. Enquanto isso deitar-me-ei na relva para deixar que meu nariz floresça por sobre os talos, a fim de perceber emoções românticas quando as abelhas e as borboletas pousarem sobre ele, como numa rosa.

LEONCE

— Alas, meu caro, não afegueis assim, ou as abelhas e as borboletas sucumbirão de fome graças às descomunais prises que extraís das flores.

VALÉRIO

— Oh, Senhor, que sentimento tenho pela natureza! A grama está tão linda que dá vontade de ser boi para comê-la, para depois voltar a ser homem e comer o boi que comeu esta grama.

LEONCE

— Infeliz, tu também trabalhas com os ideais.

VALÉRIO

— Oh, Deus! Há oito dias já corro atrás de um ideal de carne de vitela, sem encontrar sua realidade onde quer que esteja. *(Senta-se no chão)* Vede estas formigas, criancinhas queridas. É maravilhoso o instinto que há nessas criaturinhas, de ordem, de laboriosidade. Senhor, há três modos de ganharmos nosso dinheiro humanamente: achando por sorteio na loteria, herdando ou, senão, roubando no nome do Senhor, desde que se tenha a habilidade de não sofrer remorsos.

LEONCE

— Com esses princípios tu te tornasteis bastante velho, sem morrer de fome ou na fôrca.

VALERIO

— Sim, meu Senhor, e posso afirmar-vos o seguinte: quem ganha seu dinheiro de outra maneira, é um patife.

LEONCE

— Pois quem trabalha é um suicida sutil, e um suicida é um

criminoso, e um criminoso é um patife. Logo quem trabalha, é um patife.

VALÉRIO

— É.... E ainda assim as formigas são insetos bastante úteis; e mesmo assim, por outro lado, não são tão úteis quanto seriam se não fizessem qualquer dano. E lamentável! Não se pode saltar de uma tôrre sem quebrar o pescoço. Não se pode comer quatro libras de cerejas, Junto com os caroços, sem ficar com dor de barriga. Vede, Senhor, eu seria capaz de sentar-me num canto e cantar da noite até o dia: "Ei, tem u'a mosca no muro! Mosca no muro! Mosca no moro!", e assim por diante, até o fim de minha vida.

LEONCE

— Cala a boca e tua canção. É da gente ficar louco.

VALÉRIO

— E então a gente seria alguma coisa. Um louco. Um louco! Quem quer trocar sua loucura por minha sanidade? Ha, sou Alexandre, o grande! Como o sol brilha como coroa nos meus cabelos, como brilha meu uniforme! Senhor Generalíssimo Cavalo de Capim, fazei aproximarem-se as tropas! Senhor Ministro das Finanças Aranha Cruzada, preciso de dinheiro! Cara Camareira Libélula, como vai minha querida esposa Talo de Feijão? Oh, estimável Senhor Médico Pessoal Cantariada, preocupo-me por um herdeiro. E, graças a essas fantasias, dão-nos boa sopa, boa carne, bom pão, uma cama boa e o corte de cabelo gratuito — isto é, no hospício. Enquanto isso eu, com minha mente saudável, poderia almejar no máximo a empreitada de constatar a madureza de uma cerejeira para... E então?... Para?

LEONCE

— Para enrubescer as cerejas, com os furos de tuas calças! Mas, meu precioso, e teu ofício, tua profissão, tua habilidade, tua posição, tua arte?

VALÉRIO *(Com dignidade)*

— Senhor, tenho a grande ocupação de andar ocioso; a capacidade descomunal de nada fazer; possuo uma enorme perseverança na preguiça. Nenhum calo envergonha minhas mãos, o chão jamais sorveu uma gota de suor de minha fronte, ainda sou virgem no trabalho. E se não fosse trabalho demais, eu me daria ao trabalho de narrar-vos mais detalhadamente esses méritos.

LEONCE *(Com entusiasmo cómico)*

— Vem aos meus braços! Es um desses seres divinos que, sem esforços a testa limpa de suor e de poeira, perambulam pela estrada real da vida, pisando com as plantas dos pés brilhantes e os corpos florescentes como os deuses do Olimpo! Vem! Vem!

VALÉRIO (Canta enquanto saem.)— Ei, tem uma mosca no muro! Mosca no muro! Mosca no muro!

(Os dois saem, abraçados.)

Segunda cena

Uma sala

(O Rei Peter veste-se, ajudado por dois Camareiros)

PETER *(Enquanto se veste)*

— O homem deve pensar, e eu devo pensar pelos meus súditos; pois que eles não pensam, não pensam. A substância é o em si, e isto sou eu. *(Quase nu, anda pelo quarto)* Entendido? Em si é em si, estão entendendo? E agora há os meus atributos, modificações, afecções e acidentes: onde está minha camisa minha calca, Chega, que feio! O livre arbítrio está aí em frente, bem à vista. Onde está a moral: onde estão as abotoaduras? As categorias estão na mais lastimável desordem: há dois botões abotoados a mais, a caixinha está no bolso direito; todo meu sistema está arruinado. Ha, o que significa o nó no lenço? Homem, o que significa o nó? Do que foi que eu queria me lembrar?

PRIMEIRO CAMAREIRO

— Quando Vossa Majestade atou esse no em seu lenço desejava...

REI

— E então?

PRIMEIRO CAMAREIRO

— Desejava lembrar-se de alguma coisa.

PETER

— Uma resposta complicada! Hei, e então, o que quer dizer?

SEGUNDO CAMAREIRO

— Vossa Majestade queria lembrar-se de alguma coisa, quando atou esse nó em seu lenço.

PETER *(Caminha de um lado para o outro)*

— O quê? O quê? As pessoas me confundem estou na mais profunda confusão. Já não consigo decidir-me.

CRIADO

— Majestade, o Conselho de Estado está reunido.

PETER (Alegre.) — E, é isso, é isso: eu queria lembrar-me de meu povo. Vamos, meus senhores. Andai simetricamente. Não está quente? Pois tomai vossos lenços e enxugai os rostos. Fico sempre tão preocupado quando tenho de falar em público.

(Todos saem)

(Rei Peter. Conselho de Estado)

PETER

— Meu amados e fiéis súditos: desejo comunicar-vos e declarar-vos agora. comunicar-vos e declarar-vos,,, pois, ou meu filho se casa, ou não se casa... *(Põe o dedo no nariz)* ou... ou... Estais compreendendo, pois não? Não há uma terceira possibilidade. O homem deve pensar. *(Fica algum tempo reflectindo)* Quando falo assim alto, não se; quem é que está falando, eu ou um outro. Isto me dá mêdo. *(Depois de longa reflexão)* Eu sou eu... Que pensais a respeito, Presidente?

PRESIDENTE *(Com, lenta gravidade)*

— Majestade, talvez seja assim, talvez não seja.

TODO O CONSELHO, EM CÔRO

— Sim, talvez seja assim talvez não seja.

PETER *(Emocionado)*

— Oh. meus sábios! Mas então, do que é que estávamos falando? De que deveria eu falar? Presidente, que memória curta tendes em

ocasião tão festiva! A sessão está encerrada. *(Afasta-se solenemente, todo o conselho o segue)*

Terceira cena

Um salão ricamente decorado. Há velas acesas.

(Leonce e alguns criados)

LEONCE
— Tôdas as janelas estão fechadas? Acendei as velas! Para fora com o dia! Quero a noite, uma profunda noite ambrosiana. Colocai as lâmpadas debaixo dos sinos de cristal que estão entre os loureiros, para que apareçam sonhadores sob as sobrancelhas das fôlhas como olhos de meninas. Chegai para perto as rosas e que o vinho fique borbulhando nas taças como o orvalho. Música! Onde estão os violinos? Onde está Rosetta? Para fora. Ide embora, todos!

(Os criados saem. Leonce estira-se sobre um sofá. Rosetta entra, graciosamente vestida. Ouve-se música à distancia.)

ROSETTA *(Aproxima-se, lisonjeira.)*
— Leonce!

LEONCE
— Rosetta!

ROSETTA
— Leonce!

LEONCE
— Rosetta!

ROSETTA
— Teus lábios estão preguiçosos. De beijar?

LEONCE
— De bocejar.

ROSETTA
— Oh!

LEONCE
— Ah, Rosetta, cabe-me o pesado trabalho

ROSETTA
— De...?

LEONCE
— Nada fazer..

ROSETTA
— Senão amar.

LEONCE
— Trabalho, é verdade!

ROSETTA *(Melindrada)*
— Leonce!

LEONCE
— Ou ocupação.

ROSETTA
— Ou ócio.

LEONCE
— Como sempre, tens razão. És u'a môça inteligente e eu admiro tua perspicácia.

ROSETTA
— Então me amas por tédio?

LEONCE
— Não, tenho tédio porque te amo. Mas amo meu tédio como a ti. Sois a mesma coisa. O dolce farniente! Sonho com teus olhos como se fôssem profundas, maravilhosas e misteriosas fontes; a carícia de teus lábios me adormece como o murmúrio das fontes. *(Abraça-a)* Vem, ó doce tédio, teus beijos são um bocejo desejável e teus passos um hiato gracioso.

ROSETTA
— Tu me amas, Leonce?

LEONCE
— E por que não?

ROSETTA
— Sempre?

LEONCE
— É uma palavra comprida: sempre! E se eu te amasse cinco mil anos e sete meses, bastaria? Na verdade, é menos que sempre. Ainda assim é um tempo considerável, dando-nos tempo para nos amarmos.

ROSETTA
— Ou o tempo pode tirar-nos o amor.

LEONCE
— Ou o amor tirar-nos o tempo. Dança, Rosetta, dança para que o tempo ande ao compasso de teus lindos pèzinhos.

ROSETTA
— Meus pèzinhos gostariam mais de sair do tempo. *(Dança e canta)*

Oh, queridos pèzinhos, dançais.
Nos sapatos coloridos.
Preferieis, no entanto,
Descansar no fundo chão.
Oh, quentes faces corais
Em carícias selvagens,
Preferíeis florescer
Em duas brancas rosas.
Oh, pobres olhos, brilhais
A luz das velas,
Preferíeis adormecer
No escuro vossas dores.

LEONCE *(Enquanto isso, sonhador)*
— Oh, um amor agonizante é mais lindo do que aquêle que principia. Sou um romano; durante a opípara refeição, a sobremesa, os

peixes dourados brincam em suas côres mortais. Como o rubor falece em suas faces; como seus olhos se apagam em silencio; como o vogar de seus membros cresce e cai suave! Adeus, adeus. meu amor, quero amar o teu cadáver. *(Rosetta torna a aproximar-se dêle)* Lágrimas, Rosetta? Um delicado epicurismo...poder chorar. Põe-te ao sol, para que as preciosas gôtas se cristalizem: tornar-se-ão maravilhosos diamantes. Poderás transformá-los num colar.

ROSETTA

— São mesmo diamantes. cortam-me os olhos Oh, Leonce! *(Quer abraçá-lo)*

LEONCE

— Cuidado! Minha cabeça! Enterrei nela nosso amor. Olha dentro da janela de meus olhos. Estás vendo como o pobrezinho está lindamente morto? Estás vendo as duas rosas brancas em suas faces e as duas vermelhas em seu peito? Não esbarre, para que seu bracinho não se quebre; que pena seria! Devo manter a cabeça reta sobre os ombros, como u'a carpideira carregando um caixão de criança.

ROSETTA *(Jocosa)*

— Doido!

LEONCE

— Rosetta! *(Rosetta faz-lhe uma careta)* Graças a Deus! *(Fecha os olhos)*

ROSETTA *(Assustada)*

— Leonce, olha para mim!

LEONCE

— Por nenhum preço!

ROSETTA

— Um só olhar!

LEONCE

— Nenhum! Não sabes? Mais um pouquinho e meu amor tornaria ao mundo. Alegro-me por tê-lo enterrado. Guardo sua impressão.

ROSETTA *(Afasta-se triste e vagarosa, cantando enquanto sai)*
Sou uma pobre órfã.
Temo assim sozinha.
Oh, cara tristeza...
Não vens me visitar?

LEONCE *(Só)*

— Coisa curiosa, o amor. Durante um ano ficamos adormecidos na cama. Uma bela manhã acordamos, tomamos um copo d'água nos vestimos, passamos a mão sobre a testa e caímos em nós... e caímos em nós. Meu Deus, quantas mulheres nos serão necessárias para cantarmos tôda a escala do amor. para cima e para baixo? Não existe quase nenhuma que preencha um tom. Por que o nevoeiro é um prisma sobre nossa terra. quebrando o branco raio brilhante do amor? *(Bebe)* Em que garrafa estará o vinho com o qual me embebedarei? Será que nem isso consigo fazer mais? Estou como debaixo de u'a máquina pneumática. O ar tão cortante e rarefeito que tenho frio, como se patinasse com calções de sêda. Meus senhores, meus senhores, sabeis como eram Nero e Calígula? Eu sei. Vamos, Leonce, dize um monólogo, eu te ouvirei. Minha vida boceja para mim como uma grande fôlha de papel branco que devo encher do palavras. Mas não consigo produzir uma só letra. Minha cabeça é um salão de festas vazio, algumas rosas murchas e fitas amarfanhadas pelo chão, violinos rachados a um canto, os últimos pares tiraram as máscaras e se entreolham com os olhos mortos de sono. Diàriamente reviro-me vinte e quatro vezes, como u'a luva. Oh, eu me conheço, eu sei o que vou pensar, o que vou sonhar dentro de um quarto de hora, de oito dias, de um ano. Deus, que crime cometi para que tu me faças repetir tantas vezes a lição, como se eu fosse um escolar?. Bravo, Leonce! Bravo! *(Aplaude)* Fêz-me muito bem, chamar-me assim. Êi, Leonce! Leonce!

VALÉRIO *(aparecendo de sob u'a mesa)*

— Vossa Alteza parece-me estar no melhor caminho de tornar-se um louco.

LEONCE

— E... Olhando as coisas à luz do dia parece-me que é isto mesmo.

VALÉRIO

— Especial. Logo logo iremos conversar sobre isso mais detalhadamente! Falta-me devorar apenas mais um pedaço de carne assada, que furtei na cozinha e beber o vinho, que roubei de vossa mesa.

Já estou terminando.

LEONCE

— Isso me dá apetite. O sujeito inspira-me sensações inteiramente idílicas: eu poderia recomeçar com as coisas mais simples, comer queijo, beber cerveja e fumar tabaco. Continua, pára de grunhir com tua tromba; e de castanholar com teu focinho.

VALÉRIO

— Preciosíssimo Adonis, temei por vossas coxas? Ficai tranqüilo, não sou nem vassoureiro, nem mestre escola: não colho varinhas.

LEONCE

— Nada deixas sem resposta.

VALÉRIO

— Gostaria que o mesmo acontecesse com meu Senhor.

LEONCE

— Dizes isto por te faltarem pancadas? Temes por tua educação?

VALÉRIO

— Oh, céus, é mais fácil sermos concebidos que educados. São tristes as condições pelas quais os outros nos fazem ficar naquelas condições! Que meses vivi, quando minha mãe entrava em seus meses! Quanta coisa boa recebi, que possa agradecer à minha recepção?

LEONCE

— No que se refere à sua recepção, ela não poderia atingir nada melhor do que ser atingida. Expressa-te melhor, senão terás a mais desagradável impressão da minha expressão.

VALÉRIO

— Quando minha mãe navegava pelo cabo da Boa Esperança.

LEONCE

— E teu pai naufragava no cabo Côrno...

VALÉRIO

— Isso mesmo, pois que era guarda noturno. No entanto, não punha o côrno na boca tantas vezes quantas os pais de nobres filhos o

põem sobre a testa.

LEONCE

— Tu tens uma sem-vergonhice divina. Sinto uma certa necessidade de entrar em maior contato contigo. Tenho a paixão de te bater.

VALÉRIO

— E uma resposta que me bate e uma prova ponderável.

LEONCE *(Parte sobre ele)*

— Ou tu és uma resposta batida, pois que serás batido por tua resposta.

VALÉRIO *(Foge, Leonce tropeça e cai)*

— Sois uma prova que ainda está para ser provada, pois que tropeça em suas próprias pernas que, examinadas a fundo, ainda devem ser provadas. São barrigas de pernas bastante improváveis e coxas bastante problemáticas.

(Entra em cena o Conselho do Estado. Leonce fica sentado no chão. Valério)

PRESIDENTE

— Perdoai, Alteza..

LEONCE

— Como a mim mesmo! Como a mim mesmo! Perdoo-me a bondade de vos ouvir. Meus Senhores, não desejais sentar-vos? As caras que as pessoas fazem quando ouvem a palavra "sentar"! Sentai-vos no chão, não façais cerimônia! Pois o chão não é o último lugar que alcançareis? E ainda assim, não rende nada a ninguém... a não ser ao coveiro.

PRESIDENTE *(Solene, estalando os dedos)*

— Se Vossa Alteza permite.

LEONCE — Mas parai de estalar os dedos, se não quiserdes fazer de mim um assassino!

PRESIDENTE *(Estalando ainda mais os dedos)*

— ... ter a bondade de considerar...

LEONCE

— Meu Deus, colocai as mãos nos bolsos, ou sentai em cima! Ele está completamente fora de si. Vamos, controlai-vos!

VALÉRIO

— Não se deve interromper as crianças enquanto... Podem ficar desarranjadas.

LEONCE

— Vamos, controlai-vos! Pensai em vossa família e no Estado. Arriscais uma apoplexia se engulirdes vossa fala.

PRESIDENTE *(Puxa um papel do bolso)*

— Permita. Vossa Alteza...

LEONCE

— O que? Já sabeis ler? Pois então...

PRESIDENTE

— ...preveni-lo da chegada iminente da noiva de Vossa Alteza, Sua Sereníssima Princesa Lena de pipi, para a qual deveis vos preparar amanhã. É disso que Sua Majestade Real vos faz informar.

LEONCE

— Se minha noiva me espera, far-lhe-ei a vontade, deixando-a esperar por mim. Ontem à noite a vi em sonhos: tinha um par de olhos tão grandes que as sapatilhas de dança de minha Rosetta servir-lhe-iam de sobrancelhas e nas faces não tinha covinhas, mas sim fossas para o riso. Acredito em sonhos. Também sonhais, às vezes, Senhor Presidente? Também tendes premonições?

VALÉRIO

— É compreensível. Sempre durante a noite que precede a um assado que queima, a um capado que estica as canelas e a uma dor lombar de Sua Majestade Real.

LEONCE — Por falar nisso, nada mais estava na ponta de vossa língua? Vamos, tudo para fora.

PRESIDENTE

— No dia das bodas será expresso um alto desejo, qual seja o de colocar nas mãos de Vossa Alteza as mais altas expressões de vontade.

LEONCE

— Dizei ao alto desejo que farei tudo, exceto aquilo que deixar de fazer o que, por sua vez, não será tanto quanto seria se o fosse mais uma vez. Meus Senhores; desculpai-me se não vos acompanho, pois tenho desejo de ficar sentado; no entanto, o meu reconhecimento é tão grande que mal posso medi-lo com as pernas. *(Estica as pernas bem separadas)* Senhor Presidente, tende a bondade de tomar a medida para que, mais tarde. possais lembrar-me dela. Valério, acompanha os cavalheiros.

VALÉRIO

— Acompanhar, com sinos? Devo colocar um sino no pescoço do Senhor Presidente? Devo acompanhá-los como se andassem de quatro?

LEONCE

— Nada mais és que um mau trocadilho. Não tens pai, nem mãe; só tens as cinco vogais que te conceberam.

VALÉRIO

— E vós, Príncipe, sois um livro sem letras cheio apenas de reticências. Vinde agora, meus Senhores. E um verbo triste, êsse vir. Para que venha o lucro é preciso roubar; a prosperidade só vem se somos enforcados; vem a guarida quando estamos enterrados, assim como vem o desemprego, com a anedota a qualquer momento quando nada mais temos que dizer, como eu agora ou como vós, antes de haverdes dito qualquer coisa. Vós vindos de encontrar vossa despedida e vossa saída vem de ser agora solicitada.

(Saem o Conselho de Estado e Valério)

LEONCE *(Só)*

— Que juiz cruel foi para esses pobres diabos! No entanto, existe um certo prazer em certa crueldade. Hum! Casar! Ou seja. beber um poço até que esteja vazio. Oh, Shandy, velho Shandy, quem me dará o seu relógio? *(Valério volta)* Ah, Valério ouviste?

VALÉRIO

— Então. deveis tornar-vos rei. Que coisa divertida. A gente pode

passear o dia inteiro e estragar o chapéu das pessoas que o tem que tirar tantas vezes; de homens corretos a gente pode fazer soldados corretos, para que tudo se torne natural; fraques negros e gravatas brancas podem ser feitos servidores do Estado; e quando n gente morrer, os botões brancos tornar-se-ão azuis e as cordas dos sinos romper-se-ão como barbantes de tanto tocar. Não é divertido?

LEONCE

— Valério! Valério! Temos que fazer outra coisa. Adivinha!

VALÉRIO

— Ah, a ciência, a ciência! Tornar-nos-emos sábios! A priori? Ou a posteriori?

LEONCE

— A priori deverá ser aprendido com o senhor meu pai: e, a posteriori, tudo começa como num velho conto de fadas: era uma vez!

VALÉRIO

— Pois então nos tornaremos heróis! (Marcha de um lado para outro, tocando trombeta e tambor.) Trom... trom... plére plém!

LEONCE

— Mas o heroísmo fede e fica febril e não pode viver sem tenentes e recrutas. Ao diabo com teu romantismo alexandrino e napoleônico!

VALÉRIO

— Pois então nos tornaremos génios.

LEONCE

— O rouxinol da poesia voeja o dia inteiro sobre nossas cabeças, mas o que há de mais delicado vai para o inferno, até que nós lhe arranquemos as penas para as mergulharmos nas tintas e nas côres.

VALÉRIO

— Pois então nós nos tornaremos cidadãos úteis à coletividade humana.

LEONCE

— Prefiro demissionar de minha condição humana.

VALÉRIO

— Pois então vamos para o inferno!

LEONCE

— Ora, o diabo só existe por causa do contraste, para que compreendamos que existe mesmo alguma coisa nos céus. *(Saltando a seus pés)* Ah, Valério, Valério, agora sei! Não estás sentindo o vento sul? Não sentes vogar o éter azul— marinho e ardente; como a luz relampeja do solo dourado e ensolaraclo, da sagrada torrente salgada e das colunas de marmóreos corpos? O grande Pã dorme e as figuras de antanho sonham nas sombras sobre as rumorejantes ondas do velho mago Virgílio, de tarantelas e pandeiros de noites profundas e loucas, cheias de máscaras, archotes e guitarras. Um lazzarone! Valério, um lazzarone! Nós vamos para a Itália.

Quarta cena

Um jardim

(A Princesa Lena portando ornamentos de noiva. A Governanta.)

LENA

— Sim, agora! Está aí. Passava o tempo pensando em nada. Ele passava. E, de repente, o dia está diante de mim. Tenho a coroa de flôres nos cabelos... e os sinos, os sinos! *(Recosta-se e fecha os olhos)* Vê, eu queria que a grama crescesse ao meu redor, que as abelhas zumbissem ao meu redor. Vê, agora estou vestida e tenho rosmaninho nos cabelos. Não existe uma velha canção:

Quero deitar-me no campo santo
Como criança em seu berço.

GOVERNANTA

— Pobre criança, como estás pálida sob as pedras brilhantes!

LENA

— Oh, meu Deus, eu poderia amar, por que não? Andamos tão solitárias, tateando por u'a mão que nos segure, até que a carpideira separe as mãos, para cruzá-las sobre o peito de cada um. Mas por que

martelar um prego por duas mãos que não se procuravam? O que fêz minha pobre mão? *(Tira um anel do dedo)* Este anel fere-me como a picada de uma víbora.

GOVERNANTA
— Mas... dizem que é um verdadeiro Apolo!

LENA
— Sim, mas.. é um homem...

GOVERNANTA
— E então?

LENA
— Que não amo. *(Erque-se)* Oh, não vês que estou envergonhada. Amanhã todo o aroma e todo o brilho estarão riscados de mim. Serei eu como a pobre fonte, obrigaria a refletir a imagem de todos aquêles que se inclinam sobre seu fundo silencioso? As flôres abrem e fecham as pétalas ao sol da manhã e ao vento da tarde, segundo sua vontade. A filha do Rei seria menos do que uma flor?

GOVERNANTA *(Chorando)*
— Meu anjinho, és mesmo uma ovelha levada ao sacrifício.

LENA
— É, e o sacerdote já está erguendo o punhal. Meu Deus, meu Deus, será verdade que a nós cabe nos redimirmos de nossa dor? Será verdade que o mundo é uma salvação crucificada, tendo o sol como sua coroa de espinhos, as estrelas como pregos e lanças a seus pés e flancos?

GOVERNANTA
— Minha criança, minha criança! Não posso ver-te assim. Não podes continuar assim; isso irá te matar. Talvez, quem sabe! Tenho uma idéia na cabeça. Vamos ver. Vem! *(Guia a Princesa para fora.)*

ATO II

"E como a voz ressoou
No fundo de meu ser,
De uma vez afogando
Minhas memórias".
Adalbert von Chamisso

Primeira cena

Campo aberto, uma estalagem ao fundo

(Entram Leonce e Valério, êste último, o, carregando um fardo)

VALÉRIO (Arquejando.)
— Pela minha honra, Príncipe, o mundo é um edifício enormemente extenso!

LEONCE
— Que nada! Que nada! Nem ouso esticar os braços, como se estivesse numa estreita sala de espelhos, com mêdo de esbarrar em todos os lados, fazendo com que as belas figuras caiam ao chão, aos cacos, e deixando-me diante da parede nua.

VALÉRIO
— Estou perdido.

LEONCE
— Ninguém perderá com isto. A não ser aquele que te encontrar.

VALÉRIO
— No futuro, colocar-me-ei na sombra de minha sombra.

LEONCE
— Tu te volatilizas inteiramente ao sol. Estás vendo aquela bela

nuvem, lá em cima. É pelo menos um quarto de ti. Cômodamente ela olha teu grosseiro material, de cima para baixo.

VALÉRIO

— Nenhum mal viria à cabeça da nuvem se vós sobre ela caísseis, gota por gota. Um pensamento delicioso! Já percorremos uma dúzia de principados, meia dúzia de ducados e alguns reinados e tudo isso na maior das pressas, em meio dia apenas... e para quê? Porque devemos tornar-nos reais, casando-nos com uma princesa! E vós ainda viveis em tal situação? Não entendo vossa resignação. Não compreendo por que não tomasteis arsênico, colocando-vos na janela de uma tôrre de igreja, para varar a cabeça com uma bala; ludo isso para ter a certeza de não errar.

LEONCE

— Mas Valério, os ideais!Tenho dentro de mim o ideal de u'a mulher e devo procurá-lo. É infinitamente bela e infinitamente desprovida de espírito. Nela a beleza é tão desprotegida, tão tocante quanto uma criança retém nascida. É um belo contraste: os olhos celestialmente estúpidos, essa boca cândidamente divina, êsse perfil grego de ovelha, essa morte espiritual nesse corpo insípido.

VALÉRIO

— Diabo! Chegamos de nôvo à fronteira.

(Entram em cena dois funcionários da Polícia)

1° POLICIAL

— Alto! Onde está o sujeito?

2º POLICIAI

— São dois.

1º POLICIAL

— Cuidado, para que nenhum deles fuja.

2º POLICIAL

— Acho que ninguém está fugindo.

1º POLICIAL

— Temos, pois, que inquirir os dois. Meus senhores, procuramos

alguém, um sujeito, um indivíduo, uma pessoa, um delinqüênte, um réu, um homem. *(Ao outro policial)* Vê se algum deles corou.

2° POLICIAL
— Nenhum dos dois corou.

1º POLICIAL
— Então, vamos tentar de outra maneira. Onde está o mandato, o aviso, o certificado? *(O 2° Policial tira um papel do bolso e estende-o ao primeiro)* Observe os sujeitos, enquanto leio: Um homem...

2º POLICIAL
— Não serve. São dois.

1° POLICIAL
— Burro! Anda sobre dois pés, tem dois braços e mais uma boca, um nariz, dois olhos, duas orelhas. Sinais particulares: indivíduo altamente perigoso.

2° POLICIAL
— Assenta nos dois. Devo prendê-los?

1° POLICIAL
— Dois? É perigoso, nós também somos só dois. Alas vou fazer UM relatório. É um caso de complicação muito criminosa ou de criminosidade muito complicada. Pois quando me embriago, deitando-me na cama, é coisa que não interessa a ninguém. No entanto, se perco a minha cama bebendo, a quem interessa, rufião?

2º POLICIAL
— É, eu não sei.

1º POLICIAL
— E, eu também não, mas aí está o problema

(Saem)

VALÉRIO
— E há quem negue a previsão! Vede o que uma pulga pode fazer conosco! Pois se ela não me tivesse picado durante a noite. eu. de manhã, não teria levado minha cama para expô-la ao sol; e se eu não a houvesse

exposto ao sol, não teria chegado à Hospedaria do Luar; e se o sol e a lua não tivessem brilhado sobre ela, eu não teria saído dela para pisar as uvas de cujo vinho me embebedei, e se tudo isso não houvesse acontecido eu não estaria agora em vossa companhia, ó nobres formigas, por vós sendo descarnado e secado ao sol, estando. ao contrário, trinchando um pedaço de carne e secando uma garrafa de vinho. Ou seja, no hospital.

LEONCE

— Um curso de vida altamente construtivo.

VALERIO

— Tenho um curso de vida muito corrente. Pois que sómente a minha corrida, no decurso dessa guerra, salvou-me de um corredor que desejava fazer um furo nessa minha vida. Em conseqüência dêsse salvamento de uma vida humana, adquiri uma tosse sêca que fêz o médico pensar que minha corrida era galopante e que eu estivesse com a galopante. Já que eu, no mesmo tempo, desconfiei que estava sem a galopante, caí numa, ou melhor seria dizer sobre uma febre escaldante que me obrigou, a fim de manter vivo um defensor da pátria a comer boa sopa, boa carne, bom pão e a beber bom vinho diariamente. *(Ergue uma cebola do chão e começa a descasca-la)* Este país é como uma cebola: só tem cascas; é como caixas colocadas umas dentro das outras: nas maiores há outras caixas e na menor, nada. *(Joga seu fardo ao chão)* Deverá essa mochila tornar-se minha pedra tumular? Vede. Príncipe, torno-me filosófico, um retrato da vida humana: carrego essa mochila, os pés feridos, no meio da neve e ao calor do sol, porque, à noite, quero vestir uma camisa limpa. E quando a noite chega, finalmente. minha cabeça desapareceu, minha face está escavada, meus olhos fundos e ainda me resta o tempo de vestir a camisa, como mortalha. Se tivesse sido mais sábio, tomaria a mochila e a venderia no primeiro botequim; com o dinheiro me embriagaria, dormindo na sombra até que chegasse a noite; não teria suado nem criado calos. E, agora, Príncipe, vem a aplicação, a praxis: de tanta pudicícia nós pensamos em vestir também o homem interior. pondo-lhe paletó e calças *(Ambos se encaminham para a hospedaria)* Oh! mochila amada, que cheiro delicioso, quantos aromas de vinho e de assados! Oh, calças amadas, estais enraizadas no chão, verdejantes e florescentes enquanto as longas e pesadas uvas pendem de minha boca e o mosto fermenta nos tonéis

(Saem)

Princesa Lena, a Governanta (entram)

GOVERNANTA

— Deve ser um dia enfeitiçado, o sol nunca se põe, já passou tanto tempo desde nossa fuga.

LENA

— Que nada, minha cara, as flôres que colhi no jardim. como despedida, ainda não murcharam.

GOVERNANTA

— Onde descansaremos? Nada encontramos ainda. Não vejo conventos, ermidas, nem pastôres.

LENA

— Com nossos livros, atrás dos muros do jardim, com certeza sonhamos coisa diferente, entre os mírtos e os loureiros.

GOVERNANTA

— Oh, o mundo é horrível! Não há esperanças de encontrarmos um filho de rei perdido.

LENA

— Oh, o mundo é belo e grande, tão enormemente grande! Quero continuar sempre assim, dia e noite. Nada se move. Um brilho avermelhado de flôres brinca por sobre as campinas e as montanhas distantes pousam sobre a terra, como nuvens descansando.

GOVERNANTA

— Oh, meu Jesus, que será que vão dizer? E, no entanto, tão delicado e feminino. É uma renúncia. E como a fuga de Santa Otilia. Mas temos de procurar abrigo: a noite cai!

LENA

— E, as plantas juntam suas folhinhas para dormir e os raios do sol embalam-se sobre a erva como libélulas cansadas.

Segunda cena

A hospedaria num outeiro, próximo a um rio. Vista panorâmica. O jardim diante do rio.

(Valério. Leonce)

VALÉRIO

— E então, Príncipe. vossas calças não fornecem uma bebida deliciosa? Vossas botas não correm pela goela abaixo, com a maior facilidade?

LEONCE

— Vês as velhas árvores, as moitas, as flôres? Tudo tem sua história, sua amável e misteriosa história Vês os amáveis e envelhecidos rostos, sob as videiras, junto à porta? Como se sentam, as mãos dadas, com mêdo por serem tão velhos e o mundo tão moço Oh, Valério, e eu sou tão môço e o mundo é tão velho. Às vezes temo por mim. Poderia sentar-me num canto e derramar lágrimas quentes, com piedade de mim mesmo.

VALÉRIO *(Dá-lhe um copo)*

— Tomai êsse sino, êsse sino de mergulhador e mergulhai dentro do mar do chôro, para que as pérolas rolem por sobre vossa cabeça. Vede como os elfos pairam por sobre os cálices das flôres de uva, de sapatos dourados, tocando címbalos.

LEONCE *(Erguendo-se de um salto)*

— Vem, Valério, temos de fazer alguma coisa, alguma coisa! Devotar-no-emos a profundos pensamentos; vamos pesquisar por que razão a cadeira está de pé sobre três pernas, mas não sobre duas. Vem, vamos desmembrar formigas, contar os estames! Ainda hei de conseguir dedicar-me a um passatempo principesco. Ainda hei de encontrar um reco-reco que primeiro me caia das mãos, enquanto colho os flocos e belisco o teto. Ainda tenho de gastar certa dose de entusiasmo. Mas, depois de ter aquecido belo tôda comida, preciso de um tempo enorme para encontrar uma colher com a qual comerei o manjar. E é disso que tudo depende.

VALÉRIO

— Ergo bibamus! Esta garrafa não é u'a amada, não é uma idéia, não produz a dor de parto, não entedia, não trai, permanece a mesma da primeira à última gota. Rompemos seu sêlo e todos os sonhos nela adormecidos efervescem sobre nós.

LEONCE

— Oh, Deus! A metade de minha vida seria uma oração se me presenteassem com uma palhinha sobre a qual pudesse cavalgar como sobre um soberbo cavalo, até que eu mesmo fique deitado sobre a palha. Que noite sinistra! Lá embaixo tudo está quieto e, em cima, as nuvens passam e se modificam, e os raios do sol desaparecem e tornam a aparecer. Olha as sinistras figuras que se perseguem! Olha as sombras brancas e longas, de pernas pavorosamente magras e asas de morcêgo! E tudo tão depressa, tão confuso. E, lá embaixo, nenhuma fôlha se movimenta, nenhum capim. A terra encolheu-se amedrontada, como u a criança e por sobre seu berço passam os fantasmas.

VALÉRIO

— Não sei o que desejais. Sinto-me bastante confortável. O sol parece uma placa de hospedaria e as nuvens esbrazeadas sobre ele como a inscrição "Hospedaria do Sol Dourado". A terra e a água lá embaixo são como u a mesa, sobre a qual foi derramado vinho. E nós estamos deitados sobre ela, como cartas. com as quais Deus e o diabo jogam, para malar o tédio. Vos sois o rei do baralho e eu o valete, só falta uma dama, uma bela dama portando um grande coração de pão de mel sobre o peito e uma enorme tulipa, na qual mergulha sentimentalmente o nariz *(A Governanta e a Princesa entram)* e... Meu Deus, aí está ela! Mas, na realidade, não se trata de uma tulipa e sim de uma prise de rapé. E não se trata de um nariz, mas sim de uma tromba. *(À Governanta)* Por que, ó muito honrada, andais com tanta pressa, mostrando vossas vetustas panturrilhas até à altura de vossas respeitáveis ligas?

GOVERNANTA *(Muito irritada, pára)*

— Por que, ó muito honrado, abris o focinho tanto, fazendo um buraco de nossa visão?

VALÉRIO

— Para que vós, ó muito honrada, não batais com o nariz no horizonte, fazendo sangrá-lo. Tal nariz é como uma tôrre do Líbano, erguido em direção a Damasco.

LENA *(à Governanta)*

— Minha cara, será tão longo o caminho?

LEONCE *(Sonhador, diante de si)*

— Oh, todo caminho é longo. O roque-roque dos carunchos é lento em nosso peito e cada gota de sangue sente falta de seu tempo. Nossa vida é uma febre rastejante. Para pos cansados, todos os caminhos são longos...

LENA *(Que o escuta recordando amedrontada.)*

— E para os olhos cansados tôda a luz é forte demais; para os lábios cansados todo sôpro pesado demais *(sorrindo);* para ouvidos cansados, tôda palavra excessiva. *(Entra na casa com a Governanta)*

LEONCE

— Oh, meu caro Valério! Não poderia eu também dizer: "Isto é uma floresta de moitas de plumas, com algumas rosas bem cheias, junto a meus pés..." Acho que eu o disse bem melancòlicamente. Graças a Deus! Começo a descer junto com a melancolia. O ar Já não está tão claro e frio, o céu desce sobre mim brilhando e caem pesadas gôtas de chuva. Oh, esta voz: "Será tão longo o caminho?" Muitas vozes falam nesse mundo e nos pensamos que falam de outras coisas. Mas esta voz, eu a compreendi. Descansa sobre mim como o espírito, já que este pairava sobre as águas antes de ser feita a luz. Que fermentação nas profundezas, como se fazem as coisas dentro de mim, como a voz se derrama pelo espaço! "Será tão longo o caminho?" *(Sai)*

VALÉRIO

— Não? o caminho para o hospício não é tão longo. É fácil de ser encontrado. Conheço tôdas as picadas que dão nêle, todos os caminhos paralelos, tôdas as calçadas. Já o vejo andando pela alameda larga, num gelado dia de inverno, o chapéu sob o braço. Vejo como ele pára sob as compridas sombras das árvores nuas, abanando-se com o lenço. Ele está louco! *(Segue-o)*

Terceira cena

Um quarto

(Len. A Governanta)

GOVERNANTA
— Não pense naquele homem!

LENA
— Era tão velho sob seus cachos louras. A primavera nas faces e o inverno no coração! Isto é triste. O corpo cansado encontra seu travesseiro onde quer que seja: mas quando o espírito se cansa, onde descansar? Tenho um pensamento horrível: acho que há pessoas que são ineuràvelmenle infelizes, só porque existem. *(Ergue-se)*

GOVERNANTA
— Onde vais, criança?

LENA
— Quero descer ao jardim.

GOVERNANTA
— Mas...

LENA
— Mas, o que, minha cara mãe? Deviam ter-me pôsto num vaso. Preciso do orvalho e do ar noturno como as flôres. Ouves as harmonias da noite? Como os grilos cantam para que venha o dia e como as violetas o embalam em seu perfume! Não posso ficar no quarto. As paredes tombam sobre mim.

Quarta cena

O jardim. Noite e luar

(Vem, os Lena sentada sobre o gramado)

VALÉRIO *(A alguma distancia)*

— É uma bela coisa a natureza. Mas seria ainda mais bela se não houvesse mosquitos, se as camas das estalagens fôssem mais limpas e os carunchos não roessem as paredes. Lá dentro os homens roncam e aqui fora os sapos coaxam: lá dentro apitem os grilos caseiros e cá fora os grilos do campo. Meu caro gramado esta é uma decisão gramatical! *(Deita-se sobre o gramado)*

LEONCE *(Entra)*

— Oh noite balsâmica. como a primeira que desceu sobre o paraíso! *(Nota a presença da Princesa e aproxima-se dela, silenciosamente)*

LENA *(Fala para si mesma)*

— O mosquito chilreou no sonho. A noite dorme mais profunda sua face está mais pálida, mais silenciosa sua respiração. A lua é como uma criança adormecida: os cachos dourados caem-lhe sobre o rosto amado, durante o sono. Oh. seu sono é a morte Como o anjo morto repousando sobre seu escuro travesseiro, as estrelas, como velas brilhando ao seu redor. Pobre criança! Triste, morta e tão sozinha!

LEONCE

— Levanta-te com teu branco vestido e caminha pela noite, atrai do cadáver cantando uma canção fúnebre

LENA

— Quem fala?

LEONCE

— Um sonho.

LENA

— Os sonhos são santos

LEONCE
— Pois sonha santamente e deixa-me ser teu santo sonho.

LENA
— A morte é o mais santo dos sonhos.

LEONCE
— Pois deixa que eu seja teu anjo da morte! Deixa que meus lábios, como o seu vôo, pousem sobre teus olhos. *(Beija-a)* Bela morta, repousas tão amável na mortalha negra da noite, que a natureza detesta n vida e se enamora da morte.

LENA
— Não, deixa-me! *(Levanta-se de um salto e afasta-se rápida.)*

LEONCE
— Demais! Demais! Todo o meu ser está neste único momento. E agora morra! Mais é impossível. Como a criação se ergue diante de mim, vinda do caos, o hálito puro, cintilante de beleza! O mundo é uma bacia de ouro escuro: como a luz espuma nela, transbordante; como clareia, de t entro dela, as estrelas, como pérolas. Essa gota única de santidade transforma-me num delicioso repositório. Para baixo, santo cálice! *(Quer pular dentro do rio)*

VALÉRIO *(Ergue-se de um salto e abraça-o)*
— Um momento, Sereníssimo.

LEONCE
— Deixa-me!

VALÉRIO
— Vou deixá-lo quando chegar a sua deixa, prometendo deixar as águas.

LEONCE
— Estúpido!

VALÉRIO
— Sua Alteza ainda não superou o romantismo dos tenentes?

Jogar fora o cálice no qual foi bebida a saúde da amada?

LEONCE

— Quase acredito que tenhas razão.

VALÉRIO

— Consolai-vos! Mesmo que hoje à noite não durmais debaixo da grama, pelo menos dormireis em cima dela Seria experiência igualmente suicida tentar entrar numa das camas: nelas deitamos como mortos e as pulgas nos mordem como vivos.

LEONCE

— Pois seja. *(Deita-se no gramado)* Impediste meu mais belo suicídio! Em tôda minha vida jamais tornarei a encontrar momento tão adequado. E um climas tão excelente. Agora, já me passou a vontade. Com teu colete amarelo e tuas calças azul-celeste, estragastes tudo. Que o céu me conceda um sono bem sadio e pesado.

VALÉRIO

— Amém. E eu salvei uma vida humana. Aquecerei meu corpo com minha boa consciência.

LEONCE

— À sua saúde, Valério.

ATO III

Primeira cena

(Leonce. Valério)

VALÉRIO
— Casar?

LEONCE
— Ou seja, deixar que a vida e o amor sejam um apenas, sendo o amor a vida e a vida o amor.

VALÉRIO
— Desde quando Sua Alteza adotou o calendário da eternidade?

LEONCE
— Sabes, Valério, que até o mais ínfimo dos homens é bastante grande para que sua vida seja curta demais para amar? Posso deixar que continuem alegres certas pessoas que acreditam nada haver tão belo e tão santo, que não possam torná-lo ainda mais belo e mais santo. Há certo prazer, nessa amável arrogância. E por que eu não deveria conceder-lhes isso?

VALÉRIO
— Muito humano e filobestial! E, no entanto, eu cá penso que ainda falta muito ao vinho para que se torne um ser humano, mas nós o amamos a vida inteira. E ela sabe quem sois?

LEONCE
— Só sabe que me ama.

VALÉRIO
— E Sua Alteza sabe quem ela é?

LEONCE
— Idiota! Perguntarias os nomes ao cravo e ao orvalho?

VALÉRIO

— Quer dizer que ela é alguém, se é que não estou sendo grosseiro e apontando sinais particulares. Ah Meus Deus, o que vai ser de tudo isto? Hum! Príncipe, serei ministro se com palavras impronunciáveis e inomináveis receberdes a bênção matrimonial? Vossa palavra?

LEONCE

— Está dada.

VALÉRIO

— Valério, o pobre diabo, apresenta seus respeitos ao senhor Ministro de Estado Valério de Valeriopolis. "E o que o sujeito quer comigo? Não o conheço. Fora, malandro!" *(Sai correndo. Leonce o segue.)*

Segunda cena

Descampado diante do Palácio do rei Peter

(O Conselheiro o Provincial. O Mestre Escola. Camponeses em trajes domingueiros segurando ramos de pinheiro)

CONSELHEIRO PROVINCIAL

— Caro Mestre Escola, como se porta sua gente?

MESTRE ESCOLA

— Portam-se tão bem em seus sofrimentos que há muito tempo se suportam uns aos outros. Comportadamente engolem aguardente, senão jamais suportariam o sol por tanto tempo. Coragem, minha gente! Estiquem bem seus ramos de pinheiros, para que pensem que são uma floresta de pinheiros, seus narizes os morangos seus tricórnios os chifres da caça e suas calças de couro a lua brilhando entre eles. E lembrem-se, o último deverá correr sempre para trás do primeiro, para que seu número se multiplique ao quadrado.

CONSELHEIRO PROVINCIAL

— Mestre Escola, você deve representar a sobriedade.

MESTRE ESCOLA

— Compreendo bem. Mal posso me manter de pé, de tanta sobriedade!

CONSELHEIRO PROVINCIAL

— Cuidado, minha gente. No programa está escrito: "Todos os súditos deverão postar-se ao longo da estrada, vestidos de roupa limpa, bem alimentados, os rostos demonstrando satisfação". Não vão nos envergonhar!

MESTRE ESCOLA

— Fiquem firmes. Não se cocem atrás das orelhas, não assoem os narizes enquanto o casal real estiver passando. Mostrem a comoção necessária, para que não sejam usados métodos que provoquem comoção. Reconheçam os benefícios que lhes foram feitos: foram postos aí de modo a que o ar, vindo da cozinha, passe por vocês. Assim, uma vez em suas vidas, poderão cheirar uma assado. Ainda sabem a lição? Hein? Vi!

OS CAMPONESES

— Vi!

MESTRE ESCOLA

— Va!

OS CAMPONESES

— Va!

MESTRE ESCOLA

— Viva!

OS CAMPONESES

— Viva!

MESTRE ESCOLA

— Pois então, senhor Conselheiro Provincial: não está crescendo a inteligência? E considere que é em latim! E tem mais, hoje à noite faremos um baile, transparente nos buracos de nossas calças e casacos. Com os punhos cerrados trocaremos cocadas, uns nas cabeças dos outros.

Terceira cena

Grande salão. Senhoras e senhores bem vestidos, elaboradamente arrumados.

(O Mestre de Cerimônias, mais à frente, com alguns criados)

MESTRE DE CERIMÔNIAS

— É uma pena! Tudo está perdido! Os assados estão secando. As felicitações desfalecem. Todos os parricidas pendem como orelhas de porco. As unhas e as barbas dos camponeses tornam a crescer. Os cachos dos soldados se desfazem. De tôdas as virgens não ha uma sequer que prefira a posição vertical, à horizontal. Em seus vestidinhos brancos parecem coelhinhos exaustos e o Poeta da Côrte anda ao seu redor como uma cobaia preocupada. Os senhores oficiais perdem seu porte e as damas da côrte parecem de argila, o sal cristalizando em seus colares.

SEGUNDO CRIADO

— Pelo menos procuram seu conforto. Não se pode acusá-los de carregarem pêso sobre os ombros. Mesmo que não estejam de coração aberto. estão abertas até o coração.

MESTRE DE CERIMÔNIAS

— É, parecem belos mapas do reino turco, no qual se vêem os Dardanelos e o Mar Marmóreo. Para fora, malandros! À janela! Eis que chega Sua Majestade.

(Entram o Rei Peter e o Conselho de Estado)

PETER

— Então a Princesa também desapareceu? Não se encontrou ainda o menor vestígio de nosso amado Príncipe Herdeiro? Minhas ordens foram executadas? As fronteiras estão sendo vigiadas?

MESTRE DE CERIMÔNIAS

— Sim, Majestade. A vista que se tem desta sala permite a mais severa vistoria. *(Ao Primeiro Criado)* 0 que foi que você viu?

PRIMEIRO CRIADO

— Um cachorro atravessou o reino, a procura de seu dono.

MESTRE DE CERIMÔNIAS *(a outro Criado)*
— E você?

SEGUNDO CRIADO
— Alguém passeia na fronteira norte. Mas não é o Príncipe. Eu o reconheceria.

MESTRE DE CERIMONIAS
— E você?

TERCEIRO CRIADO
— Perdão... nada.

MESTRE DE CERIMÔNIAS
— Isto é bem pouco. E você?

QUARTO CRIADO
— Nada, também.

MESTRE DE CERIMÔNIAS
— O que também é pouco.

PETER
— Meu Conselho de Estado, não tomei a decisão de que minha Majestade Real se alegraria hoje e que nêle seria celebrado o casamento! Não foi êste o meu firme propósito?

PRESIDENTE
— Sim, Majestade, assim foi protocolado e escrito em ata.

PETER
— E eu seria capaz de comprometer-me, se não cumprisse minha decisão?

PRESIDENTE
— Se para Vossa Majestade fosse possível comprometer-se de outra forma, seria êste um caso no qual vós vos poderíeis comprometer.

PETER
— Não dei a minha palavra real? Sim, dei. E por isso vou logo por em andamento minha decisão: vou tornar-me alegre. *(Esfrega as mãos)* Oh,

eu estou extraordinàriamente alegre!

PRESIDENTE
— Nós todos compartilhamos do sentimento de Vossa Majestade. Tanto quanto é possível e admissíve] em nossa posição de súditos.

PETER
— Oh, de tanta alegria já nem sei o que fazer. Mandarei costurar casacas vermelhas para meus camareiros, promoverei alguns cadetes a tenentes, permitirei; a meus súditos. Mas, e o casamento? A outra metade da decisão não era a de que se celebrasse o casamento?

PRESIDENTE
— Sim, Majestade.

PETER
— E então? Se não vierem o Príncipe, nem a Princesa?

PRESIDENTE
— É, se não vierem o Príncipe, nem a Princesa... então.. então...

PETER
— Então? Então?

PRESIDENTE
— Então não poderão se casar.

PETER
— Um momento! A conclusão está lógicas Se não... então. Está certo! Mas, e minha palavra? Minha palavra real?

PRESIDENTE
— Que Vossa Majestade se console com outras majestades. Uma palavra real é algo... é algo... e algo... que nada é.

PETER *(Aos criados)*
— Ainda não estão vendo nada?

OS CRIADOS
— Não, Majestade, nada

PETER

— E eu qué tinha decidido alegrar-me tanto! Queria começar quando o relógio batesse a última badalada das doze horas, alegrando-me outras doze horas... Estou ficando melancólico.

PRESIDENTE

— Todos os súditos deverão compartilhar dos sentimentos de Sua Majestade!

MESTRE DE CERIMÔNIAS

— Aqueles no entanto que não tiverem lenços, poderão deixar de chorar, por êsse motivo de fôrça maior.

PRIMEIRO CRIADO

— Oh, estou vendo alguma coisa! E como se fosse uma excrescência, um nariz: o resto ainda não passou a fronteira. E agora estou vendo um homem e Junto com ele duas outras pessoas, de sexos opostos.

MESTRE DE CERIMÔNIAS

— De que direção?

PRIMEIRO CRIADO

— Aproximam-se mais. Encaminham-se para o palácio. Ei-los chegados!

(Valério, Leonce, a Governanta e Lena entram, mascarados)

PETER

— Quem sois?

VALÉRIO

— Será que sei? *(Vagarosamente, retira vários máscaras. uma após outra)* Sou êsse? Ou êsse? Na realidade tenho mêdo de poder descascar-me ou desfolhar-me assim.

PETER *(Preocupado)*

— Mas vós tendes que ser alguém.

VALÉRIO

— Se Vossa Majestade assim o ordenar. Mas, por favor, senhores,

virai os espelhos, escondei um pouco os botões brilhantes, não me olheis assim para que eu não me reflita em vossos olhos, ou, senão, realmente não saberei mais quem sou.

PETER

— Este homem está me deixando confuso, desesperado. Estou na maior das perturbações.

VALÉRIO

— Na verdade, era meu desejo comunicar a uma alta sociedade que acabam de chegar os dois autômatos mundialmente famosos e que talvez eu seja o terceiro e mais esquisito deles, isto é, se eu mesmo soubesse quem sou? quem eu seria, o que aliás não deve provocar espanto, já que eu mesmo não sei disso que estou falando, não sei mesmo que não o sei, razão pela qual é muito provável que me deixem falando assim, e, aliás, não devem ser mais do que apitos e assobios que dizem tudo isto. *(Com pronuncia confusa)* Senhores e senhoras? aqui vêdes duas pessoas de sexos opostos, um homenzinho e u'a mulherzinha, um senhor e uma senhora. Nada mais do que arte e mecanismo, nada mais que bonecos de papelão ou molas de relógio! Cada um deles tem u'a mola fina, finíssima, feita de rubi, sob a unha do dedinho menor do pé direito. Basta apertar um pouquinho e o mecanismo anda cinqüenta anos completos. Estas pessoas estão tão bem trabalhadas que não poderiam ser diferenciados de outras, caso não soubéssemos que são apenas de papelão. Aliás, poderíamos torná-las integrantes da sociedade humana. São muito nobres, já que falam o melhor vernáculo. São muito morais, já que acordam com o bater do relógio, almoçam ao meio dia com o bater do relógio e com o bater do relógio vão para a cama. Têm também uma bela digestão o que prova estarem com a consciência tranqüila. Têm ainda um sentimento ético, pois que a dama não conhece a palavra pela qual eu nomeio o conceito de calcinhas e ao cavalheiro jamais ocorreria a idéia de subir as escadas atrás de u'a mulher ou desce-las à sua frente. São muito cultos, pois a dama canta tôdas as óperas mais recentes e o cavalheiro usa abotoaduras. Cuidado, senhoras e senhores, pois que agora atingiram um estágio interessante: começa a manifestar-se o mecanismo do amor. Já por diversas vezes o cavalheiro apanhou o xale da dama e esta, diversas vezes, já revirou os olhos em direção aos céus. Ambos já murmuraram diversas vezes as palavras crença, amor, esperança! Ambos parecem estar inteiramente de acôrdo, faltando-lhos apenas aquela palavrinha: amém.

PETER *(Colocando o dedo sobre o nariz)*

— A imagem? A imagem? Presidente, se penduramos a imagem de alguém, não seria o mesmo que se pendurássemos a êste próprio alguém?

PRESIDENTE

— Com o perdão de Vossa Majestade, é ainda muito melhor, já que nenhum mal lhe acontece, e ainda assim ele é dependurado.

PETER

— Agora achei. Celebraremos o casamento em sua imagem! *(Apontando Lena e Leonce)* Esta é a Princesa e aquêle o Príncipe. Vou manter minha decisão vou alegrar-me. Fazei tocar os sinos! Preparai vossos votos de felicidade! Mãos à obra, senhor Predicador da Côrte!

(O Predicador da Côrte adianta-se, limpa a garganta, olha para o céu algumas vezes)

VALÉRIO

— Vamos, começa! Deixa de lado as malditas caretas e começa! Mãos à obra!

PREDICADOR DA CÔRTE *(Na maior das confusões)*

— Se... nós... ou... mas...

VALERIO

— Tantas vezes e enquanto isso...

PREDICADOR DA CÔRTE

— Pois...

VALÉRIO

— Era antes da criação do mundo...

PREDICADOR DA CÔRTE

— Que...

VALÉRIO

— Deus se entediava...

PETER

— Sê breve, meu caro.

PREDICADOR DA CÔRTE *(Controlando-se)*
— Desejais Alteza, Príncipe Leonce do Reino Popo, e desejais Alteza, Princesa Lena do Reino Pipi, e desejais mutuamente Altezas, conjuntamente, juntas, desejar-vos, se assim fôr, pronunciai um "sim" alto e compreensível.

LENA E LEONCE
— Sim!

PREDICADOR DA CÔRTE
— E eu digo amém.

VALÉRIO
— Muito bem, rápido e resumido. E assim foram criados o homenzinho e a mulherzinha e todos os animais da criação estão a seu redor.

(Leonce tira a máscara)

TODOS
— O Príncipe!

PETER
— O Príncipe! Meu filho! Estou perdido fui enganado! *(Parte para cima do Príncipe)* Quem é esta mulher? Vou mandar anular tudo!

GOVERNANTA *(Tripulante, tirando a máscara da Princesa)*
— A Princesa!

LEONCE
— Lena?

LENA
— Leonce?

LEONCE
— Acho que foi a fuga para o Paraíso, Lena!

LENA
— Fui enganada.

LEONCE
— Fui enganado.

LENA
— Que coincidência!

LEONCE
— Que previdência!

VALÉRIO
— Morro de rir, morro de rir! Vossas Altezas acaso se encontraram realmente pelo acaso. Espero que agradais ao acaso, agradando-vos um ao outro.

GOVERNANTA
— Oh, finalmente meus cansados olhos puderam ver a cena: Um filho de rei, perdido! Agora posso morrer tranqüila.

PETER
— Meus filhos, estou comovido, não sei o que Lazer de tanta comoção. Sou o mais feliz dos homens E agora, meu filho, coloco solenemente o govêrno em tuas mãos e começarei imediatamente a pensar, sem ser incomodado. Meu filho, deixa comigo esses sábios *(mostra o Conselho de Estado)* para que me apoiem no meu esfôrço. Vamos, meus Senhores, temos de pensar, pensar sem sermos incomodados! *(Afasta-se com o Conselho de Estado)* No princípio, o sujeito me deixou confuso. Tenho que tratar de sair da confusão.

LEONCE *(Aos presentes)*
— Meus Senhores! Minha esposa e eu lamentamos profundamente ter-vos mantido a serviço hoje, tanto tempo. É tão triste vossa situação que de forma alguma desejamos testar por mais tempo vossa fidelidade. Ide para casa, agora, sem esquecer, no entanto, vossos discursos, vossas prédicas e vossos versos, pois que amanha. com tôda a calma e em todo conforto recomeçaremos a brincadeira, desde o início. Até mais ver!

(Todos se afastam, exceto Leonce, Lena, Valério e a Governanta)

LEONCE

— Estás vendo, Lena, como agora temos os bolsos cheios de bonecos e de brinquedos? O que vamos fazer com eles? Colar bigodes e pendurar espadas? Ou vesti-los com fraques, deixando-os praticar política e diplomacia infusória, enquanto os observamos pelo microscópio? Ou tu desejas um realejo, em cuja gaiola deslizam os estéticos ratinhos brancos como leite? Vamos construir um teatro? *(Lena recosta-se nêle e sacode a cabeça negativamente)* Mas já sei bem o que queres: mandaremos quebrar todos os relógios, proibiremos todos os calendários e contaremos as horas e as luas pelo relógio das flôres, pela floração e pelos frutos. E depois, com os espelhos solares mudaremos o paizinho de lugar, para que não haja mais inverno. No verão nós nos volatizaremos até Ischia e Capri, metendo-nos a ano inteiro entre rosas e violetas, entre laranjas e loureiros.

VALÉRIO

— E eu serei Ministro de Estado, baixando um decreto segundo o qual aquele que deixar os calos se formarem em suas mãos será pôsto sob custódia; quem trabalhar até ficar doente será passível de punição por ter cometido crime; quem se gabar de ganhar seu pão com o suor de seu rosto, será considerado louco e perigoso para conviver na sociedade. E depois nós nos deitaremos na sombra e pediremos a Deus macarrão, melão e figos e mais gargantas musicais, corpos clássicos e uma religião que seja cômoda.

FIM